

RESENHA

Viviane Forrester – **O horror econômico**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

Sônia Lúcia Bahia Ferreira*

VIVIANE FORRESTER é romancista e ensaísta, autora de um livro sobre Van Gogh e outro sobre Virgínia Woolf. É crítica literária do jornal "Le Monde" e vem sendo considerada como a autora que melhor expressa a angústia da exclusão pela ótica dos desempregados. Durante o último movimento da classe operária nas ruas de Paris (1997) reivindicatória de uma tomada de posição do Governo face a situação vivida, vários eram os manifestantes que tinham nas mãos exemplares de seu livro.

A autora, a partir da análise do desemprego e das práticas econômicas vigentes, trata da questão da alienação e regressão em que se encontram os sujeitos sociais, face a impossibilidade de reconhecer o nível de deformação em que se encontra a sociedade hoje. Admite o desaparecimento das principais categorias de inserção social do homem moderno, a saber – o trabalho e o emprego. Ela afirma que o trabalho passa por uma significação simbólica, onde deixa de ser entendido em sua condição histórica fundante da sociedade ocidental, para ser elevado à condição de *tabu*, sendo por isso proibido aos profanos.

Na medida em que adquire a posição *sacralizante*, torna-se inacessível àqueles que não são eleitos através de poderes divinos a sua pertença e inserção.

Ao problematizar a forma histórica como a categoria *trabalho* estruturou a sociedade ocidental, enraizando os homens a essa maneira de sobrevivência, destaca o seu imprescindível atrelamento à vitalidade da sociedade e reflete o quanto a declaração do seu fim dessubstancializa o porvir da condição humana.

* Mestre em Sociologia e Professora do Deptº de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Essa declaração de fim, segundo a autora, está circunstancialmente dada pelas ações políticas e ideologias neo-liberais com que são alicerçadas hoje as praticas civilizatórias as quais são estruturadas em nome dos novos sujeitos sociais: a globalização e o mercado.

Tudo isso, segundo a autora, tem levado os homens a uma vivência emocional primitiva; não só mítica, criando novos totens de idolatria, mas alucinatórias na busca do intangível, tal qual na alegoria comparativa da luta quixotesca contra Os moinhos de ventos. Assim, diz ela, mumificam-se as dores e eventos para mantê-los presentes no tempo e no espaço.

Aponta, por isso, para um novo momento – o do desaparecimento da forma conhecida do existir social, ao menos da maneira como vinha se formatando até então e que fundamentava a realidade psicossocial.

Questiona-se e questiona a todos nós sobre que mecanismos serão necessários para se manter e utilizar na mente para não se perceber as transformações concretas que nos cercam, as quais não dizem de uma simples crise, mas sim de uma mutação.

Pós-modernidade, nova Era, passa a ser perspectiva que se avizinha, mas cujas percepções humanas parecem não se dar conta. Talvez para não se depararem com a deterioração e o vazio existencial em que se encontra hoje o social, pela falência de nossas instituições, pela falência concreta de um espaço através do qual possamos efetivamente construirmos.

Tal qual SUELY ROLNICK (1997) reconhece a toxicomania das identidades em que nos agarramos hoje, não só para nos mantermos na superfície e não afundarmos no vazio e no silêncio dos desejos e irrealizações. Por isso os discursos totalizantes e multimídias são os grandes coadjuvantes suportivos da realidade. O ocultamento do real suprime assim aos nossos olhos e consciência o sofrimento irreversível.

Denuncia as manobras e discursos políticos quando tentam através de falsas promessas, manter acesa a esperança, mas em verdade nos aclara que há uma mudança de sentido e de significado: o desemprego não é um momento de transitoriedade, mas uma nova face do mundo. E aponta ainda para a precarização das identidades que provocaria a miséria existencial. E assim chega-se ao fim de toda uma relação e estrutura social, através das quais os vínculos

eram mantidos – é a exclusão e a marginalização, pois o único lugar que resta para os sobreviventes não eleitos.

A contradição da suposta lógica estruturante do novo discurso, é exposta por FORRESTER, quando diz que a proeminência da esfera econômica na composição social pressupõe o assentamento e as interações sociais a partir do trabalho e do emprego e hoje para existir na sua forma capitalista nova, a economia descola-se do social, de sua base produtiva, mas tenta enfeitiçar aqueles que mantêm ligação com os elos do mercado, seus fiéis agentes consumidores.

Na medida em que esses não se fazem presentes, são por isso culpabilizados ou no mínimo responsabilizados por não estarem preparados para fazer frente ao novo milênio.

Instalada a civilização da culpa e da vergonha, inverte-se a lógica. São agora os excluídos, Os responsáveis pela sua própria inadequação a uma sociedade tão silenciosa e ocultadamente pacífica.

Já não possuem nada! Nem mesmo um olhar crítico, já que tomam por empréstimo o olhar dos que o julgam.

Tais manobras, por isso, atingem os sujeitos não só na sua racionalidade mas os submete a uma emocionalidade primitiva, enraizada na dicotômica ansiedade estruturadora da psique: amor e ódio. Mas, por ser impossível conviver com sentimentos tão distintos, utiliza-se de mecanismos de clivagem. Odeia o fora, o longe e ama o perto, o dentro. E aos poucos constrói-se um mundo onde tais mecanismos podem acoplar-se a uma lógica social que lhes permita auto e hetero-compreensão. Tais sentimentos, segundo a Psicanálise, sempre foram os mecanismos estruturadores do mito edípico. Viver momentos de ansiedade remete invariavelmente o homem a localizar-se nesses impasses psíquicos. Desfeita a estrutura fundante, é possível odiar declaradamente um Pai. Dai que as pessoas sucumbem às armadilhas pós-modernas. É possível “fazer a lei sem encontrar oposição e transgredir sem o risco do protesto”. Não é possível enfrentar o sagrado? Será que Édipo reeditado hoje, mataria por prazer Laio e ficaria feliz com Jocasta? Esta parece ser a proposta lançada no ar.

Ao decodificar as matrizes inconstantes e distorcidas do discurso, por fim,

VIVIANE FORRESTER expõe sua indignação ao constatar que em verdade, o grande privilegiado nessa busca é o lucro, ainda que veladamente, ainda que mantido em segredo, sob a égide da invisibilidade.

Aos homens comuns, resta portanto a grande categoria de supérfluos, de excesso. E a esse horror que se apresenta, quedam-se estarecidos na violência da calma.

Em seguida, aponta a distorção compreensiva existente entre os diretores de palco e os atores e protagonistas, onde sem dúvida agora mostra-se a cena publica um imenso *ágon* (espaço de agonia).

Os atores só conseguem dar significado a partir de suas vivências concretas, onde o trabalho era a única maneira capaz de estabelecer ligação entre o palco e a cena cotidiana. Pois tudo o que aprenderam sobre si e sobre a realidade passava necessariamente pela visibilidade de uma cidade, de um país, onde cada um percebia seu espaço e sua possibilidade de construir-se num tempo.

As noções clássicas dos conceitos de capital e trabalho ganharam concretude, gerando uma noção de espaço identitário, onde cada um se percebe e a geografia se torna cartografia individualizada. Ali, através da vivência da alteridade, podia-se estruturar identidades, ser num tempo e num espaço, alguém.

Porém, denuncia FORRESTER, o modelo que se apresenta a partir da Telemática, é aquele onde o trabalho é supérfluo, não tendo mais utilidade, ao contrário, é um excedente complicado, pois traz consigo "emoções" para as quais a cibernética não encontra significação nem lógica.

Tudo isso inaugura um novo mundo, onde sobretudo as noções de espaço, velocidade e tempo tornam incompatível a construção de mundos paralelos, os quais não se sintonizam nem num nível lingüístico, quanto mais a nível de intenção.

Multinacionais, transnacionais, globalização e mundialização governam a economia, onde os países são meras municipalidades. Segundo a lógica reinante, uma multidão de seres humanos encontra-se sem razão para viver neste mundo, onde poucos (eleitos) encontram a vida. E, para sua expansão e desenvolvimento não precisam assentar-se mais na base da solidariedade e da coesão, portanto não precisam de Estados, nem de eleitores. Compreende-

se pois que a essa ruptura existente entre as dimensões econômicas e sociais podemos denominar de fratura estrutural.

Mas a grande ilusão alienante é aquela representada pela nossa própria defesa: isso não acontece comigo, só com os outros, de quem de vez em quando nos penalizamos, mas que enfim, só são os outros. E agora não mais na situação de um outro ameaçador, mas um outro escondido nos papelões da via pública, no anonimato e na invisibilidade.

Em continuidade, a autora problematiza o papel que a indiferença desempenha e a amplitude e alcance que atingem, não mais sendo necessário nenhum instrumento para a adesão a essa ideologia. E a indiferença é a representante desse fim de século trágico, na medida em que lida com a inconsciência.

Por isso foi fácil a implantação das práticas e políticas de uma maneira nunca vista. A aldeia global foi enfim materializada, ainda que seu espaço de vida seja diminuto e em seu redor uma horda de miseráveis tente desesperadamente manter-se agarrada nas franjas do que sobra da toalha de linho do banquete mundial. E aqui, finalmente, alerta para o grande perigo que esse *modo de gestão* está a implantar... um mundo de autômatos e resignados, convivendo com as dores e fatalidades inexoráveis, as quais em definitivo não podem combater.

Se a denúncia de GRAMSCI era verdadeira no período Fordista, o que dizer do agora? A agonia é a expressão verdadeira do novo *ágon* (do grego embaite, conflito, drama).

E aí, ponderemos, é o mesmo velho capital, da mesma velha burguesia que nos mostra o seu poder, porque soube nos momentos de suas pequenas derrotas, conservar seus instrumentos, ainda que tivesse encolhido seus tentáculos, mas enfim não morreu, apenas esteve suspenso e no momento adequado mostra a força de sua potência.

Através de exemplos variados, a autora por fim derruba também um velho argumento: o da racionalidade econômica como o motor propulsor das medidas orientadoras do capital, ao denunciar que as medidas tomadas não são por uma lógica plausível mas guardam a diferença perceptível do significado do outro. O outro jamais deve ser nivelado, jamais tem necessidades. O outro sartreanamente pensado. O outro suspeito – *inferior é claro - esse é o*

núcleo e a poupa do credo (p. 46).

Eles vivem num mundo sedutor, do qual têm uma visão excitante que, pela sua redução despótica funciona. Funesto, este não deixa de ter um sentido para quem dele participa (p. 51). *Sejam quais forem suas demonstrações sabiamente hipócritas, sua potência é posta a serviço, ou seja, a serviço daquela arrogância que o faz considerar bom para todos aquilo que lhe é rentável. E como natural para um mundo subalterno. Ser sacrificado por isso então não se constitui em nenhum pecado* (idem).

Expõe dessa forma a emocionalidade egoísta desse projeto: ataca frontalmente os poderes e reclama o direito de pensar.

A reconstrução do espaço do pensar é a sua luta, pois entende que em toda essa construção, o que mais atinge o homem são as artimanhas que gera nas condições nascedouras do pensamento. E sobretudo do pensamento autônomo, compreendendo que esta é uma condição temida. A autora defende, assim, o direito à informação para todos, ainda que respeitadas as condições e desejos pessoais em não fazê-lo. Não qualquer informação, mas aquela que contém o germe da liberdade.

Adentra na crítica apontando as contradições que hoje cercam as instituições que davam suporte à constituição do todo coletivo. Exemplifica com várias delas. Mas é sobretudo com a função da Empresa e da Escola onde mais se detém; entretanto, onde o seu discurso se torna mais ácido é na função pedagógica das escolas, até porque das empresas sempre se soube e se as esperou frias e calculistas em suas lucratividades. Mas a Escola, cuja função é a construção de um saber e o abrigo de um projeto, perde sua capacidade de fazê-lo, diz a autora, na medida em que submete o aluno a um suposto currículo onde este entrará em contato com um mundo fantástico que o exclui por antecedência, na medida em que veicula um discurso ascético e estóico e sem qualquer condição de concretude. E as pessoas ainda se negam a entender o que está havendo com os jovens e com a escola. E é claro que a sua função deixa de ser a mediação entre o indivíduo e a sociedade, na construção da cultura e da cidadania. Pois é de se perguntar: de que cidadania se trata mesmo? Há espaço público para tal exercício?

E é nessa direção que a autora dirige todo o seu questionamento no que tange a elaborar uma crítica contundente às ilusões que ainda são mantidas no imaginário social, mas que não têm mais nenhuma pertinência para a atuação no mundo tal qual vem sendo construído.

Por isso, diz a autora, é que os excluídos tratam de criar seu próprio "Estado Providência", através de suas atividades anexas: pedir esmolas, comércio de drogas, vendas ambulantes. E é aí nesse momento, da total impossibilidade de uma resposta favorável, que se busca um bode expiatório e ninguém melhor que o mais próximo: o vizinho será o grande culpado, pois esse enfim tem cara e coração e será capaz de reagir e devolver um grande motivo para que enfim se expresse a raiva e a emoção contida há tanto tempo.

O Estado, relata a autora, cada vez mais desestruturado em suas funções, pois que privatizado em suas partes, busca uma configuração para garantir apenas o espaçozinho para os velhos funcionários de carreira, agora todos engalanados, nas prateleiras dos Congressos e Câmaras, pois a cena pública precisa ser mantida para dar um ar de continuidade e plasticidade à cenografia invejável.

Tudo enfim feito com um grande aliado – a publicidade, que põe não só nas mentes, mas nas bocas, as palavras que todos devem repetir em coro.

Cada um parece ao contrário, estranhamente cúmplice: não só aqueles que ainda têm a bondade de se dignar ou se dar ao trabalho de fazer uso dessas perifrases corteses em relação à população que não tem mais avisos a dar, mas que reclamam essas promessas, suportam seus perjúrios e, afinal, pedem apenas para ser exploradas (p. 133).

Assim tacitamente aineçados, estamos imobilizados dentro de espaços sociais condenados, locais anacrônicos que se autodestóem, mas onde temos o estranho e apaixonado desejo de permanecer, enquanto o futuro se organiza, debaixo de nossos olhos, em função da nossa ausência, já programada de maneira mais ou menos consistente (p. 135).

Conclui, assim, da necessidade de se levar em conta os fatos reais, em vez de se esperar o "retorno do trabalho e do emprego" após a crise. Que se repense alternativas viáveis de se incluir a vida e a dignidade como princípio de

qualquer medida.

APRECIÇÃO FINAL

A autora consegue elaborar uma análise crítica da realidade hoje vivida em das práticas neo-liberais e da globalização a partir do enfoque da angústia dos excluídos, a partir da vivência da marginalização, papel que sempre os poetas, líricos e loucos ocuparam.

Trata-se de um relato contundente, um grito de indignação de quem consegue transpirar emoção pelas palavras, e como tal nos alerta para a alienação que o cotidiano nos impõe. Valendo-se de dados é capaz de embasar os seus argumentos, mas com argúcia desmascara e decodifica o não dito nos discursos.

Essa emocionalidade detonada sobre o presente texto nos remete a pensar se a ciência não deveria ser mais literatura e esta se tornar mais científica como o fez agora neste livro VIVIANE FORRESTER?